

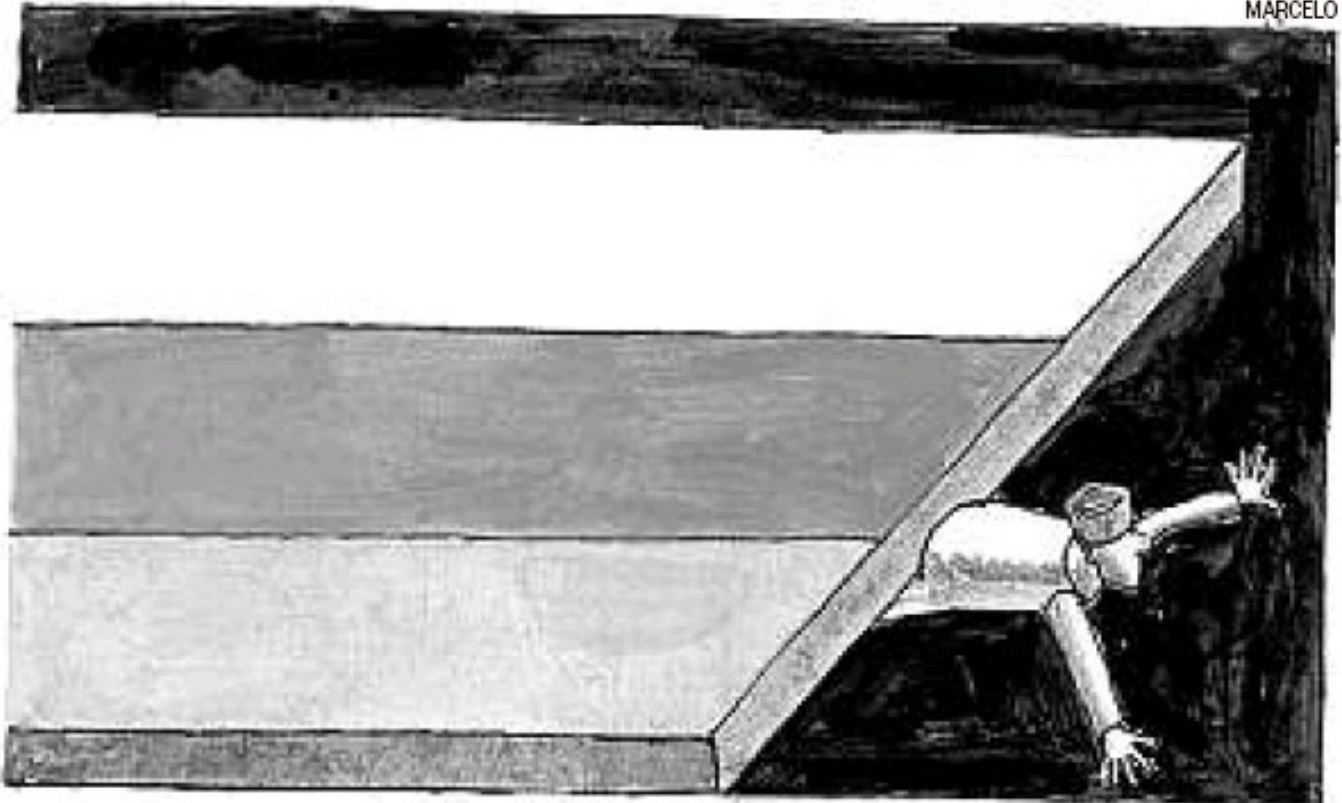
[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)

4 abr 2017 | O Globo

Estagnação antiliberal

Hoje, um quarto de século após o fim da Guerra Fria, o Ocidente e a Rússia estão novamente em conflito. Desta vez, pelo menos em um dos lados, a disputa é mais evidentemente sobre poder geopolítico, e não ideologia. O Ocidente tem apoiado de variadas formas movimentos democráticos na região pós-União Soviética, sem esconder seu entusiasmo pelas várias revoluções que substituíram longevos ditadores por líderes mais abertos — embora nem todos tenham se tornado os democratas comprometidos que prometiam ser.

MARCELO



MARCELO

Muitos países do ex-bloco soviético continuam sob controle de líderes autoritários, inclusive alguns, como o presidente russo, Vladimir Putin, que aprenderam a manter uma fachada mais ou menos convincente de eleições, diferentemente de seus antecessores comunistas. Eles vendem seu sistema de “democracia antiliberal” à base de pragmatismo, e não de uma teoria universal da História. Estes líderes justificam que simplesmente são mais efetivos ao realizar as tarefas.

Isto é certamente verdade quando se trata de estimular o sentimento nacionalista e sufocar dissidências. Mas eles têm sido menos bem-sucedidos em manter um crescimento econômico a longo prazo. Para um país que já foi uma das duas superpotências do mundo, o PIB da Rússia é equivalente hoje a cerca de 40% do da Alemanha e um pouco acima de 50% do da França. No ranking mundial de expectativa de vida, o país ocupa a 153ª posição, atrás de Honduras e Cazaquistão.

No que se refere à renda per capita, a Rússia agora ocupa a 73ª posição (em termos de paridade de poder de compra) — bem abaixo das repúblicas satélites da ex-União Soviética na Europa Central e Oriental. O país se desindustrializou: a vasta maioria de suas exportações hoje provêm de matérias-primas. Não houve uma evolução para uma economia “normal”, em vez disso, surgiu uma forma de capitalismo de Estado de conveniência.

Sim, a Rússia ainda vai bem em alguns setores, como o de armamento nuclear. E o país tem poder de veto nas Nações Unidas. Como mostra o recente processo de hacking no Partido Democrata nos EUA, o país possui capacidades cibernéticas, que lhe permitem intrometer-se em eleições no Ocidente.

Há razões para acreditar que tais intrusões continuarão. Considerando-se que o presidente americano, Donald Trump, possui profundas ligações com personagens russos não muito recomendáveis (e estes, por sua vez, se relacionam com Putin), os americanos estão profundamente preocupados em relação às influências russas nos EUA — questão que poderá ser esclarecida pelas investigações em andamento.

Muitos criaram grandes expectativas em relação à Rússia, e à ex-União Soviética como um todo, quando a Cortina de Ferro ruiu. Após sete décadas de comunismo, a transição para uma economia democrática de mercado não seria fácil. Mas, dadas as óbvias vantagens do capitalismo democrático de mercado em relação ao sistema que havia se desintegrado, chegou-se à conclusão de que a economia iria florescer, e os cidadãos iriam exigir uma maior participação.

O que deu errado? Quem, se há alguém, é o culpado? A transição da Rússia pós-comunista poderia ter sido tratada de uma forma melhor?

Nunca poderemos responder a estas perguntas de forma conclusiva: a História não pode ser reprisada. Mas creio que o que estamos confrontando é em parte um legado do fracassado Consenso de Washington, que desenhou a transição russa. As influências desta ordem se refletiram na enorme ênfase que os reformadores deram à privatização, não importando como fosse realizada, com a pressa tendo prioridade sobre todo o resto, inclusive criando uma infraestrutura institucional necessária para fazer funcionar a economia de mercado.

Há 15 anos, quando escrevi "A globalização e seus malefícios", argumentei que esta abordagem de "terapia de choque" na reforma econômica foi um funesto fracasso. Mas os defensores desta doutrina recomendaram paciência: só seria possível fazer tal julgamento mediante uma perspectiva a longo prazo.

Hoje, mais de um quarto de século após o início da transição, estes resultados preliminares foram confirmados, e aqueles que argumentaram que os direitos de propriedade privada, uma vez criados, iriam dar vida a novas demandas pela regra se mostraram equivocados. A Rússia e outras nações em transição estão ficando para trás como nunca em relação às economias avançadas. Em alguns desses países, o PIB está menor do que estava no início da transição.

Muitos na Rússia creem que o Tesouro americano empurrou as políticas do Consenso de Washington para enfraquecer seu país. A profunda corrupção do time da Universidade de Harvard escolhido para "ajudar" a Rússia em sua transição, descrita num detalhado relato publicado em 2006 pelo Institutional Investor, reforçaram essas crenças.

Creio que a explicação é bem menos sinistra: ideias erradas, mesmo com as melhores intenções, podem ter graves consequências. E as oportunidades de ganância oferecidas pela Rússia simplesmente foram grandes demais. Claramente, a democratização na Rússia exigiu esforços voltados para garantir uma prosperidade compartilhada, em vez de políticas que levaram à criação de uma oligarquia.

Os erros do Ocidente naquela ocasião não deveriam minar sua iniciativa hoje de criar estados democráticos, que respeitem direitos humanos e a lei internacional. Os EUA estão lutando para evitar que o extremismo do governo Trump — quer na proibição da entrada de muçulmanos no país; na negação das evidências científicas nas políticas ambientais; ou nas ameaças para ignorar compromissos do comércio internacional — seja normalizado. Mas a violação de outros países da lei internacional, tal como as ações da Rússia na Ucrânia, também não podem ser "normalizadas".

Impresso e distribuído por NewspaperDirect | www.newspaperdirect.com, EUA/Can: 1.877.980.4040, Intern: 800.6364.6364 | Copyright protegido pelas leis vigentes.

[Notícia anterior](#)

[Próxima notícia](#)